

Contos e Lendas de Pace

O Reino do Norte

Lucas Petri Gonçalves

Ilustração

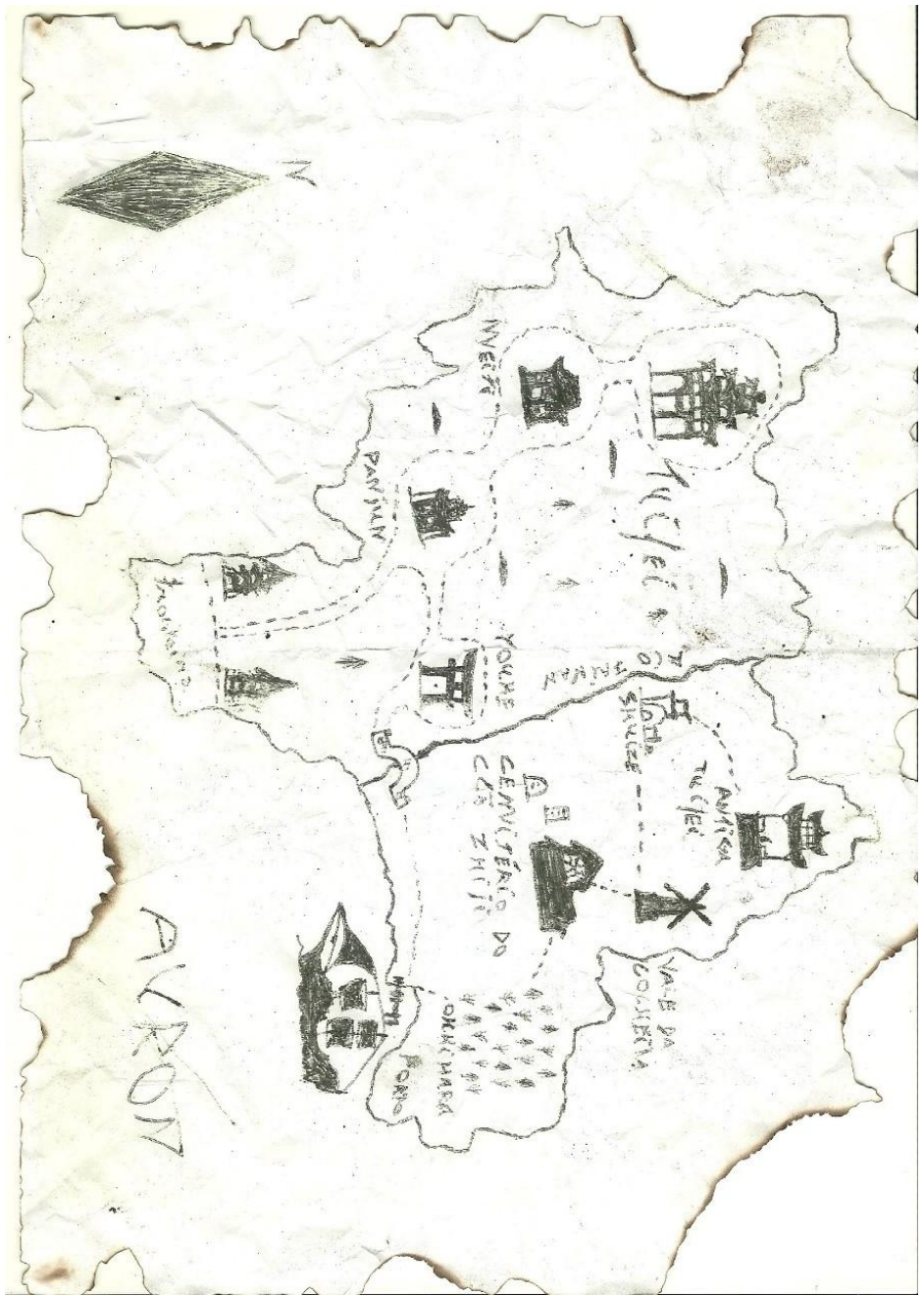
Leonardo T. Amaral

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravações ou quaisquer outros. Esta é uma obra meramente fictícia, qualquer semelhança com fatos, situações ou pessoas é mera coincidência.

Cachoeiro de Itapemirim – ES

Sumário

Capítulo 1 – Prólogo	5
Capítulo 2 – Forasteiros	8
Capítulo 3 – Mãe.....	23
Capítulo 4 – Informações	38
Capítulo 5 – A reunião dos símios baderneiros	53
Capítulo 6 – Interesses	68
Capítulo 7 – Entre temor e dever.....	82
Capítulo 8 – Sussurros	93
Capítulo 9 – Chamas de sofrimento	115
Capítulo 10 – As criaturas do Vale da Fartura.....	127
Capítulo 11 – Um corvo na névoa	141
Capítulo 12 – Ecos da noite.....	156
Capítulo 13 – O relógio que desapareceu	171
Capítulo 14 – Ilusão e realidade	183
Capítulo 15 – O necromante moribundo	198
Capítulo 16 – O selo.....	212
Capítulo 17 – Epílogo	228



Capítulo 1 – Prólogo

Mais de trezentos anos foram necessários para estabilizar por completo os dois continentes. O mundo que se conhecia mudou drasticamente com a vinda dos habitantes de Merano para Pace, e principalmente as terras baixas do continente humano, ganharam nova vida. As desavenças foram deixadas de lado, a tecnologia recebeu auxílio da magia, e assim a medicina, os meios de locomoção e a infraestrutura avançaram. O comércio fortalecia cada vez mais, o que resultava no bom relacionamento entre os reinos. Os elfos, por sua vez, continuavam a se espalhar, e consigo levavam o conhecimento e a sabedoria. Não havia um povo que os rejeitasse depois de tantos anos de tentativa. Mas não somente essas esguias e esbeltas criaturas se aventuraram pelas terras humanas. Os alados e lobos passaram a conviver com a outra espécie também, e assim como os elfos, buscavam aprovação através de trocas, fosse de conhecimento ou recursos oriundos de suas terras.

Para os nativos de Merano, os humanos eram como crianças, que aprendiam rápido e logo superavam seus pais. Eles criavam e recriavam a tecnologia dos elfos, mas não se prendiam à magia. Adaptavam-se com o que tinham à mão, e talvez fosse por isso que cresciam tão mais depressa que seus visitantes. Demorou muito tempo, mas finalmente as diferentes espécies conseguiam se entender, e agora podiam compartilhar sua cultura e costumes.

Todavia, mesmo depois de tantos anos, uma fração dos humanos ainda não aceitavam completamente os visitantes de Merano. Nem mesmo seus vizinhos das terras baixas.

Bem ao norte de Pace, depois do estreito que interligava as fronteiras, havia uma terra pouco conhecida, tanto pelos nativos de

Merano, quanto pelos habitantes do sul do continente dos humanos. Seus moradores chamavam sua própria terra de Zifang.

Zifang possui documentos desde muito antes do povoamento do sul de Pace. De acordo com o calendário daquele povo, antes do início do século IV, todo o território era dividido em pequenas concentrações de poder. Eventualmente, depois desse referido século, um vasto território regido por um império cresceu a ponto de se tornar uma dinastia. Seu primeiro governador, Nijim Nai, baseava sua política na adoção e assimilação de cultura. Esse método foi o ponto chave para uma conquista sem muita resistência. Mesmo que seu grande exército facilitasse o procedimento utilizando o medo da população, raramente surgiam rebeldes, já que os subjulgados podiam continuar seguindo suas crenças e leis internas, desde que pagassem tributos e prestassem respeito ao imperador.

A lenda conta que depois do primeiro casal ter saído das terras do norte para o sul, Deus fez com que o mar engolisse a intersessão de terra entre os países, deixando apenas um estreito, e depois disso as duas regiões nunca mais entraram em contato. As crenças criaram um sentimento de medo e repulsa dos nativos pelo estrangeiro. Não obstante, os viajantes das terras baixas também eram receosos até mesmo em mencionar o território pouco conhecido.

Os elfos foram os primeiros a buscarem uma maneira de quebrar essa barreira, e pouco mais que quarenta anos atrás, os primeiros forasteiros começaram a chegar naquelas terras. Foi um contato sutil, bem planejado por eles para que não causasse pânico ou guerras contra o povo do norte. Começaram pelas vilas pequenas, oferecendo conhecimento e recursos novos aos olhos dos nativos, em troca da hospitalidade. Os elfos, porém, sabiam que esse processo levaria tantos anos quanto levou a pacificação de Merano com as terras baixas de Pace, e qualquer deslize podia ser fatal. Todavia, uma fagulha ameaçava

cair em meio àquela densa vegetação seca. Um mal oriundo do fundo de alguma sarjeta social acabara de chegar. Ninguém sabia ao certo de onde a ameaça vinha, mas reconheciam sua origem de fora, e os nativos não distinguiam os intrusos, até que fossem expurgados.

Capítulo 2 – Forasteiros

O Sol estava a pino, e não havia vestígio de nuvens no céu. Porém, era a época fria do ano. Naquele país, ouviu dizer que não nevava, mas o inverno era intenso o suficiente para matar uma pessoa de hipotermia. O jovem viajava bem agasalhado, deitado sobre um monte de feno que era transportado por uma carroça de bois. Ele pacificamente escutava pessoas passando pela carroça e cumprimentando o condutor, um homem velho e simplório. O rapaz já estava nessa viagem há quase meio ano, mas para ele não era um problema. O tempo em sua perspectiva passava rápido em relação aos outros seres vivos. Ele não o temia, pois sabia que tinha quase todo o tempo do mundo.

Perdido em seus pensamentos, mal notou quando a carroça parou. O velho que a guiava surgiu a sua frente e bateu levemente em seu pé para acordá-lo. Ele ergueu o olhar e viu o senhor de idade apontado para a direção oposta a sua visão. O jovem virou-se e viu uma cidade colina abaixo. Era um local movimentado, cheio de casas grandes de madeira, bem adornadas e com telhados pontiagudos. De cima ele conseguia ver que as ruas eram bem organizadas, todas formando quarteirões retangulares.

- Chegamos à Panjun, sua parada. Daqui eu irei para o norte – avisou o velho.

O rapaz apenas agradeceu com um aceno de cabeça e desceu da carroça, caminhando em direção à cidade. Mas depois de alguns instantes, o condutor chamou sua atenção novamente.

- Forasteiro, você veio para se encontrar com o outro de sua espécie, certo?

O jovem novamente acenou com sua cabeça.

- Eu não sei quais são seus negócios aqui, mas vou te dar um conselho – o senhor continuou. – Tome cuidado para não chamar muita atenção por aqui. Assim como ouvi boatos da presença de outro de sua espécie na cidade, as pessoas também ouvirão boatos sobre você. Continue usando seu capuz e evite falar desnecessariamente.

- Obrigado pelo conselho – o jovem respondeu pausadamente e com forte sotaque, escondendo mais seu rosto com o capuz.

O velho subiu na carroça novamente e continuou sua viagem, enquanto o rapaz tomava coragem para descer aquela colina. Depois de pensar um pouco e suspirar umas três vezes, finalmente começou seu caminho para a cidade. Naquele trecho ele via passar muitas pessoas com carroças e mochilas grandes às costas. Provavelmente comerciantes que vinham de outras localidades para vender suas mercadorias. Apenas quando chegou às ruas principais que notou o tipo de cidadão que vivia por lá.

Como eram tempos frios, as pessoas utilizavam roupas longas e escuras. As mulheres geralmente carregavam pequenos bastões pendurados no antebraço, o que chamou atenção do rapaz, que não sabia sua funcionalidade. Percebeu também uma distinta divisão de classes, ou pelo menos aparentava. Havia habitantes com roupas bem adornadas, e mulheres com muita maquiagem no rosto. Para os elfos, maquiagem fazia parte de rituais, assim como para os lobos, mas ouvira dizer que os humanos utilizavam muito para chamar atenção. Por outro lado, havia pessoas com roupas simples, que serviam apenas para aquecer, e mulheres que não utilizavam maquiagem. Qualquer pessoa que fosse, o elfo ficava apreensivo em passar perto. Todos o encaravam, não com rancor ou medo, mas com muita curiosidade. Ele evitava ao máximo retribuir o olhar. Houve um momento em que chegou a um centro

comercial. O elfo agora procurava o ponto de encontro que marcou com seu conterrâneo.

Meses antes de começar sua viagem, o rapaz entrou em contato com o outro elfo por telepatia em sonhos, avisando de sua chegada e pedindo estadia. Este aceitou de bom grado, e pediu para esperá-lo no templo da cidade, que ficava depois da área comercial. Não explicou mais nada, apenas que o jovem saberia onde era quando o visse.

O local em que estava agora era muito mais movimentado que as próprias ruas da cidade, e o elfo acabou por se perder na multidão. De repente, as palavras de seu conterrâneo chegaram a sua cabeça.

“Quando você avistá-lo, irá saber que é ele.”

Imediatamente olhou para cima, procurando em todas as direções. Foi quando viu uma grande construção no topo de uma colina, com uma escadaria branca que dava acesso ao local. Não conseguiu segurar o suspiro de alívio, e olhou para os lados, vendo se havia chamado atenção demais. Então, ao longe, entre a multidão de pessoas, notou um grupo que andava em formação. Eles vestiam a mesma cor, um vinho escuro, e carregavam na cintura espadas curvas, cujas já ouvira falar. Eram chamadas de katanas. Alguns dos homens no grupo possuíam desenhos até o pescoço, e cobrindo os braços inteiros. O elfo ficou encarando com curiosidade, da mesma forma que os habitantes o encaravam, e entre aqueles homens que chamavam tanta atenção e passavam uma imagem de imponência, ele viu uma moça jovem, aparentemente de sua idade. Ela tinha a pele levemente parda, cabelos lisos de uma cor tão negra que brilhavam. A fitou tanto que de alguma forma ela pareceu ter sentido, e olhou em sua direção. Por mais alguns instantes o elfo a observou, até notar que estava se expondo demais. Baixou novamente o capuz para esconder seus olhos e seguiu caminho até o templo.

Depois de alguns minutos tentando escapar da multidão, finalmente saiu do centro comercial. Ele precisou andar mais alguns minutos por um caminho bonito, cercado por árvores retorcidas e floridas, até chegar à base da escadaria. Olhou para cima novamente, e contemplou a enorme construção. Esta que era bem adornada, com arcos de madeira pintados de vermelho em sua fachada. Muros altos cobrindo os entornos do prédio principal, e a bela escadaria branca e reluzente que levava até o topo. Como não sabia se era permitido ir até o topo, resolveu sentar-se nos primeiros degraus e esperar por seu contato. Enquanto isso, o elfo analisava a escada, passando a mão rasteiramente pela sua superfície, notando que esta era lisa e gélida.

De repente, uma voz conhecida chamou sua atenção.

- Se chama mármore – a voz disse. – É um material caro e usado para ornamentar.

O jovem ergueu a cabeça com uma leve surpresa, e viu claramente o rosto de quem se dirigia a ele. Era um homem alto, esguio, sem barba e loiro, com os cabelos curtos penteado para trás.

- Auron – o jovem respondeu, retirando da cabeça seu capuz.

- Como vai, Ben, meu querido sobrinho?

O rapaz ergueu o cenho, desaprovando a abordagem daquele homem.

- Meu nome é Benavi – ele corrigiu.

- Muito grande – Auron respondeu sorrindo – Melhor Ben.

Houve um silêncio pesado entre os dois, que não durou muito tempo. O elfo mais velho rapidamente deu um jeito de contornar a situação.

- Bom. Sei que tem muita coisa para me contar, mas aqui não é o lugar. Vamos?

O homem apoiou as mãos às costas de Benavi e o conduziu pelo mesmo caminho em que vieram.

- Foi bom ter me esperado. Subir aquelas escadas seria um erro grave.

Ben olhou para trás novamente, vislumbrando a grande construção no topo da escadaria de mármore. Imaginou o que seria tão importante a ponto de afastar forasteiros.

- É um templo – Auron explicou como se lesse a mente do jovem.

- Templos como o de Merano? – Ben não conseguiu conter a curiosidade.

- Não. Eles não guardam relíquias, e nem são perigosos. Servem para adoração.

O rapaz ficou quieto, com expressão de dúvida. Mas não queria perguntar e acabar mostrando ainda mais sua falta de conhecimento.

- A população ora e roga pelo deus deles nos templos – Auron continuou. – São locais sagrados e sempre cheios de pessoas. Forasteiros perambulando por lá apenas insultariam os cidadãos. Não é o que queremos no estado atual das coisas.

- Você me disse algo parecido quando entrei em contato com você por telepatia – Ben resolveu falar. – O que está acontecendo por aqui?

Auron o interrompeu segurando seu braço. Eles haviam acabado de chegar a uma das entradas do centro comercial, a área mais movimentada da cidade. O elfo mais velho virou-se para o jovem.

- Levante seu capuz novamente, converse comigo por telepatia e evite contato visual com qualquer humano. Estamos indo para minha casa.

Assim os dois elfos fizeram. Ambos estavam com roupas escuras e capuzes. Poderiam até chamar atenção com tais vestes, mas com certeza chamavam menos que suas orelhas pontudas expostas. Enquanto caminhavam entre a multidão que quase se espremia, uma leve chuva começara a cair. Benavi olhou para o céu, que de uma hora para outra ficou repleto de nuvens carregadas. Quando baixou a cabeça novamente, várias pessoas estavam usando um tipo de cobertura sobre suas cabeças, segurando-as com bastões. Foi assim que o jovem descreveu o objeto para si mesmo.

- “Chamam-se guarda-chuvas” – Auron explicou, notando o interesse do rapaz. – “Nós elfos gostamos tanto da chuva que nunca precisamos inventar algo para impedi-la, mas os humanos sentem-se muito incomodados com ela”.

Benavi achou no mínimo intrigante. Aqueles bastões que viu algumas mulheres carregando, pendurados em seus antebraços, eram aquele tal “guarda-chuva”. Os humanos pareciam andar com aquilo para qualquer lugar.

Com Auron focado em levá-los para casa, apenas o jovem elfo notou ao longe aquele grupo que vira anteriormente. Roupas longas cor de vinho, desenhos pelo corpo todo, até onde podia enxergar, e espadas curvas pendendo das cinturas. Eram de fato amedrontadores, mas Benavi não pôde deixar de encará-los, e novamente alguém do grupo virou seu olhar para ele, que tentou desviar o mais rápido possível. O

elfo mais velho nem esboçou expressão alguma, mas chamou sua atenção.

- “Não olhe muito” – explicou ríspido. – “Eles estão ligados com a atual situação da província. Explicarei tudo quando chegarmos em casa”.

Os dois elfos demoraram cerca de dez minutos para chegarem a uma casa escondida em um beco sem saída. Benavi notou aos poucos a mudança de ambiente da área comercial até aquele local. As casas começavam a perder as cores vivas, aglomeravam-se cada vez mais, e as ruas que as interligavam estreitavam-se na mesma medida. As pessoas que passavam por ali também eram diferentes das que transitavam no distrito mais movimentado. Elas se vestiam com menos zelo, se importando mais em agasalharem-se e menos em ostentar. Auron quando guiou Benavi pelo beco, levou o rapaz a imaginar que tipo de vida seu tio levava para morar naquela fossa. O elfo, por outro lado, retrucou seus pensamentos, como se os adivinhasse.

- “Os humanos daqui não são curiosos, quanto menos faladores. É mais seguro para nós dessa forma”.

Auron puxou do bolso uma chave velha, colocou na fechadura enferrujada de sua porta e a abriu. Suas dobradiças rangeram de maneira estridente, e o elfo mais velho fez sinal para o rapaz entrar, que obedeceu. Mas antes dele próprio entrar também, verificou com o canto dos olhos se havia alguém na entrada do beco os espionando. Com a certeza de que estavam seguros, Auron fechou a porta atrás de si.

- Bem-vindo a minha casa! – o elfo já falava normalmente. – Eu poderia ter arrumado melhor minha bagunça, mas não sou do tipo que limpa a casa quando está para chegar visita, quanto menos de um sobrinho, que sem mais nem menos decide aparecer.

Ele olhava para o rapaz com curiosidade, mostrando seu sorriso brincalhão. Coisa que Benavi já aprendera a odiar.

Todavia, o rapaz não prestara atenção no que seu tio lhe dissera. Ele estava espantado com a aparência do interior daquela casa. Com uma fachada tão miserável quanto aquela, era de se esperar que a casa por dentro fosse pobre como o lado de fora. Mas o que via naquele momento era totalmente o oposto do que imaginara. Toda a mobília era bonita e nova, muito bem organizada no espaço da casa, que era razoável também. Até onde conseguia ver, a casa parecia ter três cômodos, uma sala de estar e um corredor, que dava acesso a esses cômodos. Um deles deveria ser o banheiro, e os outros deveriam ser um quarto e uma cozinha.

- Estou acostumado a oferecer apenas chá aos convidados, que não são muitos – Auron explicou enquanto se dirigia à cozinha. – Mas acho que você deve estar com fome depois de uma viagem longa. Fique à vontade enquanto eu faço alguma coisa.

O jovem nem se deu ao trabalho de responder. Ele deixou seu tio fazer o que queria. Retirou da cabeça o capuz e começou a analisar a casa. Saindo do cômodo principal, que comportava uma mesa, lareira e várias cadeiras, passou pelo corredor para adentrar os outros cômodos. Teve um leve vislumbre da cozinha, bem simples, mas completa, e logo em seguida um quarto, com uma cama, mesa de estudos e um armário. Provavelmente onde Auron dormia. O próximo e último cômodo, Benavi julgou ser o banheiro, ou um quarto de hóspedes, o que achava difícil. Diferente dos outros quartos, este estava com a porta fechada, porém, não trancada. Vagarosamente girou a maçaneta fria e redonda, espiando primeiramente pela fresta que criou. Sua reação, no entanto, foi de surpresa.

Não se tratava de nenhum dos dois palpites que o rapaz imaginou. O cômodo comportava várias estantes cheias de livros, e

quando terminou de abrir a porta, mal conseguiu enxergar o fundo da biblioteca particular. Poucos segundos depois, enquanto Benavi estava distraído, Auron apareceu e chamou sua atenção, lhe dando um pequeno susto.

- Incrível, não é?

- Onde conseguiu tantos livros? – o jovem perguntou de imediato.

O elfo mais velho não respondeu, apenas entregou uma bandeja com pães de batata e queijo, quentinhos e com um aroma irresistível, e entrou na pequena biblioteca. Benavi o observou até que fosse ao fundo do cômodo, onde acendeu uma vela e sentou-se em uma cadeira próximo a uma mesa. Mas percebendo que seu sobrinho ainda permanecia de pé à porta, sem conseguir esboçar outra expressão além de surpresa, fez sinal para que este se aproximasse.

Benavi foi até o tio, olhando ao seu redor durante o caminho. Quando chegou perto de Auron, puxou para si uma cadeira e olhou para ele, esperando uma explicação. Mas seu tio começou primeiro.

- Então, meu querido sobrinho – seu tom era quase sarcástico – o que o trás a terras tão distantes e hostis?

O rapaz parou, pensou, e fez-se de desentendido.

- Como conseguiu tanta coisa, Auron? Meu raciocínio não está batendo. Primeiro você diz que a situação aqui está difícil, depois me mostra uma casa estranha, em beco estranho. Mas por dentro é tudo tão limpo, grande e... – ele gesticulou em direção aos vários livros espalhados dela sala – Completo. O está acontecendo por aqui?

- Você está sendo sarcástico comigo? – o elfo mais velho indagou fingindo um riso.

- Eu respondi à altura – o jovem disse.

Seu tio também parou por uns instantes para pensar. Então fez a seguinte proposta.

- Vamos jogar um jogo de adivinhação – falou em seu leve tom sarcástico. – Se eu adivinhar porque está aqui, você vai me contar todos os seus planos. Caso contrário, responderei o que quiser.

- Isso não faz sentido – Benavi protestou. – Meus motivos me levam a meus objetivos. E você nunca saberia do que se trata...

- Você fugiu de casa – Auron o interrompeu.

O rapaz no mesmo instante ficou quieto.

- Você fugiu de casa – repetiu. – Não por protesto, mas pela sua mãe.

O elfo não precisava da confirmação de seu sobrinho, pois aquele olhar levemente surpreso dizia tudo.

- Você é igual a ela, porém, acho que irá amadurecer mais cedo. Quantos anos tem, Ben? Vinte e quatro?

- Vinte e cinco – o rapaz o corrigiu com uma expressão séria.

- Muitos anos antes de você nascer, uma certa elfa fez sua primeira grande viagem, como você está fazendo agora. Foi o período mais rebelde dela, mas também o mais feliz. Acho que já deve ter escutado alguns trechos dessa história.

Auron então iniciou uma pequena narrativa.

- Em um momento de crise no passado de Merano, o primeiro humano pisou no solo sagrado dos elfos. Espantosamente ele chegou ao mesmo instante que uma suposta invasão de dragões estava

acontecendo, e com a espada de cristal que ficava selada no coração da cidade, ele derrotou um dos dragões e conquistou a confiança dos elfos rapidamente. Essa invasão, todavia, era apenas a ponta de um problema maior, que aquela elfa estava decidida a superar sozinha. A grande crise era na verdade o início da expansão de um grande exército de um homem só. Um necromante ardiloso chamado Kenrris.

O elfo semicerrou os olhos quando proferiu o nome, como se em sua memória tivessem surgido lembranças daquele passado difícil.

- Ela era inteligente o bastante para saber que sozinha não conseguiria viajar, então contou com a ajuda do humano, de um lobo e um alado.

Auron parou de falar, e Benavi acabou se distraíndo por uns instantes. De repente, seu tio bateu uma palma inesperada, provocando um pequeno susto no jovem com o som alto que ecoou pelas paredes da biblioteca.

- O resto você já deve saber, e é por isso que está aqui. Sua mãe nunca contou sobre o humano, e de alguma forma ele é uma peça importante para que você entenda mais sobre ela.

Benavi respirou profundamente, e deixou de lado o pão de batata que comia. Seu tio acertara em cheio, e agora era hora de cumprir o trato.

- Desde quando reconheci minha própria existência que vejo minha mãe melancólica. Não houve um dia em que a vi sorrir de verdade. Todas as crianças da minha idade sabiam manipular ao menos um elemento, exceto eu. Meus pais não tinham tempo para me ensinar. Mamãe estava ocupada demais lamentando o passado, e meu pai resolvendo assuntos da vila. Tudo que aprendi foi sozinho ou com amigos.

Foi o cenário em que Benavi cresceu. Sem atenção dos pais, sua companhia diária era os poucos amigos que uma vila pequena proporcionava. Embora não houvesse um adulto para melhor instruí-lo, o jovem elfo sempre buscou por conta própria o conhecimento, lendo com frequência e treinando magia sozinho, ou observando os mais experientes. Cresceu um rapaz inteligente, porém, arrogante e individualista. A falta do amor materno o deixou frio, e aos 25 anos, depois de toda uma vida preso à família e à pequena vila, resolveu fugir em sua própria jornada, procurando um objetivo para preencher seu vazio e compensar uma infância arruinada.

- Eu questionava o porquê de minha mãe estar sempre distante. Ela toda vez desviava do assunto – Benavi continuou. – Contava algumas histórias de seu passado para me fazer esquecer, e nunca mencionou nenhum humano na vida dela. E não tenho certeza se ela chegou a conhecer esse primeiro humano que pisou em Merano.

O jovem elfo mordeu os lábios, como se a lembrança o machucasse.

- Eu lembro bem desse dia – prosseguiu. – A primeira pessoa a quem fui perguntar foi meu pai. Quando questionei a história do primeiro humano em nosso continente, ele ficou sério no mesmo instante. Não conseguiu me encarar, e pediu para que eu nunca mencionasse isso para minha mãe novamente.

Auron ficou sem saber o que dizer depois de ouvir aquela história. Ele conheceu seu sobrinho quando este era apenas um bebê. Depois disso iniciou sua própria caminhada, deixando a cidade natal no continente dos elfos para viver nas terras do norte de Pace. Nunca saberia como aquele garoto fora criado.

Passaram-se alguns instantes de silêncio, até que o elfo mais velho resolveu falar.

- Você é igual sua mãe – ele comentou, prendendo a atenção de Benavi. – Rebelde, dono do próprio nariz, inteligente e esforçado. Com seu pai você apenas se parece fisicamente.

Dessa vez foi Auron que pareceu falar com pesar nas palavras.

- Meu irmão era um ninguém antes de conhecer sua mãe. Estúpido, imprudente, e um peso morto para a nossa família. Eu tenho para mim que sua mãe queria ajudá-lo a ser alguém, e ela conseguiu. Tudo que ele conquistou e o que se tornou foi graças a ela. Mas sua mãe também era diferente do que é hoje, antes de conhecer aquele humano. Sei que pode ser difícil engolir que esse homem fez parte da vida dela. Você pode ficar bravo e guardar rancor dele, mas não vai mudar o que ele foi para ela.

Benavi fechou com força os punhos. O que o tio lhe dissera podia ser mesmo verdade, mas doía ouvir aquelas palavras.

- Então o que devo fazer? – o rapaz indagou-o, com a voz trêmula.

- Pergunte a ela tudo que você não conseguiu perguntar até hoje. Esse é o primeiro passo. Depois venha falar comigo, que iremos pensar juntos no que fazer.

Depois de terminar sua fala, Auron levantou-se de sua cadeira e pegou o prato com o pão de batata de Benavi, e entregou o último pedaço que restara para o jovem.

- Aonde você vai? – Benavi quis saber.

- Resolver o que eu estava fazendo antes de você chegar – explicou calmamente. – Você não virá comigo ainda. Preciso conversar com algumas pessoas antes. Então fique em casa, coma o que quiser, e mais tarde eu volto. Se quiser dormir, o quarto é seu.

Seu tio estava prestes a sair, mas calmamente parou em frente à porta da biblioteca, e inclinou levemente a cabeça para ser escutado.

- Sua mãe sorriu quando você nasceu.

Dito isso, virou-se e deixou o cômodo. Alguns segundos depois, Benavi escutou o barulho da porta abrindo e em seguida sendo trancada.

“Maldito. Se a casa pegar fogo, como eu vou sair?”, pensou consigo mesmo, sendo sarcástico.

Embora recusasse gentilezas e negasse seus próprios sentimentos, aquelas palavras causaram algum impacto em Benavi. De qualquer forma, o jovem agora não queria esquentar a cabeça com esses assuntos, e, além disso, não tinha muita escolha, se não esperar a volta do tio. O jovem foi até o quarto que Auron deixou para ele, pegou as cobertas que amaciavam a cama e as levou para a biblioteca. Arrumou-as no canto mais distante da porta, onde as estantes cobriam a visão da janela, deixando o ambiente mais escuro. Logo depois se deitou, mesmo sem sono. Passou o resto do dia com pensamentos voltados para sua mãe. Ele chamava pelo seu nome, e criava suas feições na mente. Até que muitas horas depois, quando perdeu a noção do tempo, o cansaço finalmente o alcançara, e o jovem então adormeceu.

Em uma transição imperceptível, Benavi “acordou” em seu sonho. Ele estava em algum lugar que nunca vira antes. O céu sobre sua cabeça era de uma madrugada chegando ao fim. Várias estrelas cadentes passavam em uma efêmera corrida, deixando seu rastro na imensidão escura. Quando olhou para baixo, notou estar de pé sobre uma enorme muralha que se estendia por quilômetros, delimitando as fronteiras de uma cidade. Casas altas e baixas se emaranhavam, não deixando espaço para uma árvore sequer. Poucas luzes estavam acesas naquele momento, e nenhuma pessoa andava pelas ruas. Foi quando, perdido na beleza do cenário, Benavi percebeu não estar sozinho.

Bem perto de onde estava, vislumbrou uma pessoa sentada. Era uma mulher, alta, jovem, de cabelos curtos e pálidos. O vento batia em seu corpo e balançava seu lindo vestido branco. Ela vagorosamente virou o olhar em direção ao rapaz, e com um sorriso sereno o cumprimentou.

- Bom dia, filho.

- Olá, Nancy.

Capítulo 3 – Mãe

A elfa possuía a mesma expressão melancólica de sempre, escondida por trás de um sorriso fraco. Era notável. Não enganava ninguém, quanto menos seu próprio filho.

Ela voltou a olhar para frente, em direção à cidade logo abaixo deles. O leve som da brisa úmida se misturava com o canto das criaturas da noite, e Benavi se sentiu confortável ali.

- Como está Aluf? – o jovem gentilmente quebrou o silêncio.

Nancy respirou profundamente, como se cada palavra que proferisse fosse um grande esforço.

- Bem. Atarefado como sempre.

O rapaz concordou com a cabeça, desviando o olhar. Não era como se odiasse seus pais, mas ele mesmo sabia da parcela de culpa que os dois tiveram em sua criação. Todavia, não suportava ver aquele ar pesado que pairava sobre sua mãe. Talvez isso também tivesse influenciado em sua partida. Era difícil ver aquela solidão todos os dias. Nem Benavi sabia ao certo.

Calmamente sentou-se perto da elfa, e colocou suas pernas para fora da beira da muralha, balançando-as com o vento. A elfa observou seu comportamento.

- Parece real, não é? – ela disse, mas não teve resposta do filho – Digo, a corrente de ar. Mesmo na forma de espíritos, sentimos tudo ao redor.

Mais um momento de silêncio se prolongou entre os dois, e novamente quem resolveu quebrá-lo foi Nancy.